

INDÚSTRIA E PIB

Roberto Figueiredo Guimarães
Diretor da ABDIB e ex-Secretário do Tesouro Nacional

Aos trancos e barrancos, é possível que o acordo Mercosul-União Europeia seja formalizado. E como escrevi no último artigo, nossa indústria de transformação precisa se preparar para a concorrência e, com isso, evitar mais um processo de desindustrialização no país.

De fato, devido a uma combinação de falta de uma política industrial, câmbio valorizado (que não favorece a competitividade das exportações), juros elevados, alta carga tributária, incentivos sem critérios de aferição de resultado e falta de investimentos em inovação, de 1994 até 2025, (32 anos), nosso PIB cresceu 114% em termos reais e a produção da indústria de transformação, apenas 35%. Em decorrência, a participação da manufatura no PIB caiu de 15% para 12%.

Em 17 desses 32 anos (53% do período), utilizando os dados do índice de câmbio real divulgado pelo Banco Central, o câmbio esteve valorizado, tendo o ano de 1994 como referência. E em 24 anos (75% do período), o juro real esteve acima de 4%a.a. (uma base de juro real que considero adequada para esse exercício).

E se utilizarmos uma composição desses dois índices (câmbio e juros), com pesos iguais, veremos que desses 32 anos, o índice esteve desfavorável em 23, ou seja, em 72%do período. Os piores momentos estiveram entre 1994 e 2000 e de 2003 a 2011, enquanto os melhores foram observados no biênio 2001/2002 e no período 2018 a 2022.

Hoje, a contribuição positiva do câmbio real, que está desvalorizado, não é capaz de compensar a contribuição negativa dos juros reais, que estão mais do que o dobro da referência. Ou seja, estamos com uma composição câmbio-juros desfavorável para a indústria de transformação, que só vai melhorar quando o Banco Central iniciar o ciclo de redução dos juros.

Até lá e na espera dos efeitos favoráveis da reforma tributária, nossa indústria de transformação continuará patinando.